

NO 40.º ANIVERSÁRIO
DA FUNDAÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»

CARTAS ABERTAS A JAIME CORTESÃO

I

Meu caro Jaime:

Li com todo o interesse o artigo que publicaste no Porto e no Rio de Janeiro a respeito do movimento cultural que fundámos em 1912; agradeço-te, vivamente reconhecido, a excessiva generosidade com que anotaste a minha ingerência na primeira fase do movimento, mas não posso concordar com a tua afirmação de que a «Seara Nova» veio em 1921 para constituir uma renascença da «Renascença».

Não. O Grupo e a revista, cuja fundação promoveste, representaram apenas uma cisão contra a «Renascença», para dar corpo a tendências políticas, que várias vezes quiseram surgir dentro da Sociedade, mas a que sempre me opus, não obstante seres tu, principal animador da «Renascença», o primeiro a acarinhá-las.

Ao teu temperamento de Poeta heróico, de orador, de revolucionário — sabia melhor a acção directa, o aparato público e ostensivo, do que o trabalho metódico, ininterrupto, indefectível por meio da revista, do livro, da conferência, da lição universitária. E só assim se explica o teres querido por ocasião da dissidência democrática, onde se encontravam alguns sócios da «Renascença», que a nossa Sociedade tomasse então o caminho decidido da Política. Deves lembrar-te que discutimos o assunto largamente no Porto e em Lisboa, que ventilámos o problema mais de perto com o Visconde de Vila Moura e com o eng. Ferreira da Silva e que venceu o meu ponto de vista — a «Renascença» tinha um papel cultural acima de todos os partidos, pugnava essencialmente pela valorização do espírito português em suas características mais puras e, portanto, não podia subalternizar-se a qualquer corrente partidária, por mais nobre que fosse.

E tu concordaste e prosseguiste em tua primacial acção à frente da «Renascença», como seu obreiro n.º 1. Essa justiça terá sempre que fazer-se. Ninguém foi mais solícito, mais valoroso, mais destemido na defesa dos princípios que nortearam a criação da Sociedade do que tu. E mal se desfaziam esses passageiros incidentes em que perigosas sugestões pretendiam desviar-te da vida normal da «Renascença» logo voltavas com o mesmo entusiasmo ao bom combate.

Dentro da «Renascença» tudo se podia discutir. António Sérgio e Raul Proença discutiram o Saudosismo, o Parasitismo penin-

sular, a própria questão política. Fernando Pessoa scandalizou alguns dos colaboradores mais pacatos com suas interpretações da Poesia Nova e o anúncio dum supra-Camões. Discutia-se com vivacidade, com ardor, mas sem atingir a unidade de acção que, digamo-lo sem rodeios, era marcada única e exclusivamente por nós dois, que, desde 1912 a 1920, exercemos na «Renascença» uma direcção permanente, irrecorrível e, por isso mesmo, plena de realizações. Ouvíamos os mais próximos, vinham até nós os mais variados alvitres, mas tudo se filtrava pelo nosso critério e tu é que, principalmente, fazias os convites para colaboração em qualquer dos capítulos da Sociedade, depois de termos trocado impressões a respeito do que mais convinha.

A Teixeira de Pascoaes, por exemplo, entregámos a direcção da '*Águia*' em homenagem a seu nome de altíssimo Poeta, mas, por motivos ponderáveis, publicámos sem constrangimento a carta de 5 de Janeiro de 1917 em que o Autor do '*Verbo Escuro*' se desligava da revista. E toda a gente que vivia perto da «Renascença» sabia até que ponto chegava a direcção dele ou de outros. Colaboravam, mas só quando e como convinha aos intuitos culturais da Sociedade.

Em 1919, mais largos horizontes nós antevimos para a «Renascença» com a aquisição duma livraria em Lisboa. Mas a agitação portuguesa aumentava de semana para semana, produziu a monarquia do Porto, a jornada de Monsanto e depois tumultos sobre tumultos. Perdemos a livraria, que outrem mais veloz adquiriu, e começou a turbar-se o ambiente para qualquer obra de Cultura.

Sucediam-se os atentados e as greves. Tudo era inseguro ou hesitante. Aumentava a efervescência e a instabilidade de projectos ou iniciativas. Um dia desses, convidaste o pessoal da Biblioteca para se reunir no teu gabinete de Director a fim de o consultares sobre a resposta que devias dar a um pedido de adesão à greve geral preparada pela União Geral dos Trabalhadores.

Creio que só protestámos eu e um outro funcionário. A Biblioteca Nacional aderiu à greve por grande maioria e juntou-se aos que, pouco a pouco, levaram o País para a situação desesperada que os anos seguintes lhe trouxeram.

Seguí então para o Brasil e levei a '*Águia*' comigo, na esperança de, com o auxílio da delegação da «Renascença» no Rio de Janeiro, criar um núcleo mais forte que salvasse todos os projectos deixados na Pátria e lhes ampliasse as proporções e benefícios com a efectivação duma fraternidade luso-brasileira que já muito se apregoava mas pouco se cumpria. Criei, com a cooperação de António Sérgio, nova Casa editora, iniciei logo as edições, continuei a administração da «Renascença» através dum antigo e dedicado auxiliar que me remetia nota diária de todo o movimento, mas as dissensões não tardaram a corroer a Unidade da «Renascença».

Manifestaram-se dentro de pouco dois grupos bem distintos — o do Porto à volta de Leonardo Coimbra, que pretendia manter a «Renascença» na sua feição primitiva, e o de Lisboa à tua volta, francamente voltado para a Política partidária.

Reimprimi algumas edições esgotadas, publiquei vários números da 'Águia' com bastante colaboração brasileira, continuei contratos com Autores, mas perante queixas e boatos, que de longe não podia desfazer — entreguei a outro a administração da «Renascença» e pedi ao meu dedicado auxiliar que ficasse com ele.

Nessa altura, porém, já tu tinhas começado a efectivar a cisão com a Circular de 28 de Fevereiro de 1921, alegando duas circunstâncias que não exprimiam a realidade: 1.^a que a «Renascença» tivesse deixado de cumprir a sua missão; 2.^a que a nova empresa se formava de harmonia com os dois directores do «Anuário do Brasil», António Sérgio e Álvaro Pinto.

E só me comunicaste a formação da «Seara» em Maio...

Escrevi-te, e ao Proença, longas cartas manifestando-me sempre contra a divisão. E ao Augusto Martins, novo administrador da «Renascença», solicitei, com o máximo empenho, que estimulasse o grupo do Porto a manter a Sociedade sem desfalecimentos.

Veio então a tua carta de... 1 de Novembro de 1921, em resposta à minha de 5 de Junho, com estes dizeres:

«Só agora respondo à tua carta, porque ela vinha encontrar factos, pelo menos, em pensamento, consumados. O que existe essencialmente entre nós é uma diferença de ideias. Penso, ao contrário de ti, que a missão da «Renascença» findou. E desde que tu, sua coluna vertebral, a não pudeste continuar a sustentar no mesmo aprumo, não creio que ela possa voltar à actividade antiga. A «Renascença», nascida antes da guerra, correspondeu a uma época do mundo e a uma idade nossa que passou. Sob o ponto de vista das ideias, que deram a célebre discussão entre Pascoais e Sérgio, eu hoje pendo para o lado do último. No túmulo cheio de velhos miasmas, que é a Nação, devem entrar lufadas de ar distante e renovador. Se tentei um renovamento da «Renascença» foi na convicção de que esse era o melhor caminho. Enganei-me? O tempo o dirá. Pareceu-me também que na tua ausência era eu a pessoa que mais teria direito a uma acção dentro da «Renascença» e que era conveniente que certas pessoas se não apoderassem dela».

Não tinhas, portanto, necessidade do nosso acordo, nem procuravas uma renovação dentro da «Renascença», como seria lógico, visto terem mudado as ideias do tempo. Deste ouvidos a intrigas, que, pela distância a que me encontrava, não pude desfazer, acreditaste na conspiração do grupo do Porto contra mim ou contra ti, ou contra ambos, e nem sequer tentaste o renovamento em que se fala na tua carta: — resolveste desde logo fundar uma nova empresa de publicidade e aniquilar a «Renascença».

Razão tinha o venerando Mestre Teófilo Braga quando, na tarde de Fevereiro de 1920 em que me fui despedir dele à Tr. de St.^a Gertrudes, me dizia:

— V. vai-se embora? Lá vai a «Renascença» por água abaixo.

— Senhor Doutor. Ficam no Porto e em Lisboa o Leonardo, o Augusto Martins, o Jaime Cortesão, o Raul Proença...

— É o mesmo. Vai-se o *carola*, vai-se tudo.



Perguntas na carta antes referida: «Enganei-me? O tempo o dirá».

Creio bem que te enganaste e que o tempo disse o contrário de quanto havias imaginado.

A Nação era um túmulo cheio de velhos miasmas e assim continuou depois que fundaste a «Seara Nova» e mergulhaste com ela no período mais agitado e funesto que maior desprestígio causou ao País neste Século. E não foram as lufadas de ar distante e renovador que purificaram o ambiente e ergueram a Nação. Foi antes a revivescência de velhas virtudes da Raça que criou as vontades fortes, conscientes, inflexíveis, donde saiu o movimento reabilitador, nacional, puramente nacional.

Quando fundámos a «Renascença», consideravas o povo português sofrendo duma terrível doença da vontade, que era preciso curar. E exaltavas nesse aspecto três dos maiores heróis da Vontade, que se chamaram Nun'Álvares, o Infante D. Henrique e Afonso de Albuquerque, a que nas letras se podiam juntar os Vultos imortais de Gil Vicente, Camões e P.^o António Vieira. Inspirada por esses deuses tutelares, a «Renascença» foi durante 9 anos uma escola de Vontade. E continuaria a sê-lo se todo o esforço que consumiste em erguer o edifício incaracterístico da «Seara Nova» o tivesses empregado na harmonização e revalidação da «Renascença».

Com um excesso de generosidade, muito gentil mas pesada demais para meus fracos ombros, escreveste ainda que eu não pude continuar a sustentar a «Renascença» no antigo aprumo. O teu equívoco era produto apenas da decisão que havias tomado sobre a criação da «Seara», pois que se alguma coisa de bom ou de mau aconteceu à «Renascença» até 1920 tudo dependia sempre de nosso estreito e unânime entendimento. E a saída de Portugal foi já consequência de uma desordem, que não se remediava, antes se agravava, com cisões. Então, mais do que nunca, impunha-se uma união cerrada, que procurasse colmatar todas as brechas por onde queriam entrar os agentes da dissolução. Eu levava comigo *A Águia*, que fundara em 1910, para a fortalecer com outras amizades. Tu ficavas para manter a «Renascença» em sua integridade cultural.

Em menos de um ano, decidiste a cisão. Não se pode chamar a isto, evidentemente, uma renascença da «Renascença».

Fala-se agora muito da «Renascença» e dos Escritores da *Águia*. Na próxima carta continuarei esta conversa e direi alguma coisa a respeito do que se publicar. Até lá o abraço de sempre do teu velho amigo

Fevereiro de 1952.

ÁLVARO PINTO